



**Artigo original**

## **MR. MALULEKE & CO., DE EDUARDO MONDLANE, E A POLÊMICA DO ÁLCOOL**

**Elídio Nhamona**

*Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique*

**RESUMO:** O presente artigo tem com objectivo analisar as estruturas da peça de teatro *Mr. Maluleke & Co.*, de Eduardo Mondlane, associadas às circunstâncias históricas. Partimos do pressuposto de que a peça de um acto foi o meio através do qual o escritor, protestante, opinou sobre a polémica do álcool. A grande polémica suscitada pela questão do álcool é melhor apreendida quando interpretada na perspectiva da crítica dialéctica, visto que ela junta no acto de apreciação particularidades literárias, históricas e sociais. Usando o método crítico dialéctico, concluímos que pela reformulação, transformação e combinação de duas tradições, uma oral changana e outra escrita protestante, temos uma peça de teatro com uma estrutura das acções ascendentes. *Mr. Maluleke & Co.*, de Eduardo Mondlane tinha por intuito defender ideias protestantes contra o consumo de álcool, posicionando nas polémicas em torno da questão do álcool das sociedades coloniais na África Austral.

**Palavras-chave:** A questão do álcool, crítica dialéctica, *Mr. Maluleke & Co.*, Protestantismo.

## **MR. MALULEKE & CO., BY EDUARDO MONDLANE, AND THE ALCOHOL CONTROVERSY**

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyse the structure of the play, *Mr. Maluleke & Co.* (commanding officer) by Eduardo Mondlane related to the historical circumstances. That is why, our starting point is the assumption that a play of an act, was the means through which the protesting writer expressed his opinion about the controversy raised over alcohol, is better understood when interpreted by the dialectic criticism, given that its appreciation brings together literary, historical and social features. Using the dialectical critical method, we conclude that by the reformulation, transformation and combination of two traditions, a Changana oral and a Protestant written, we have a theater play with the structure of ascending actions. *Mr. Maluleke & Co.*, by Eduardo Mondlane, was intended to defend Protestant ideas against alcohol consumption, taking a stand in the controversies surrounding the issue of alcohol in colonial societies in southern Africa.

**Keywords:** The issue of alcohol, dialectic criticism, *Mr. Maluleke & Co.*, Protestantism.

Correspondência para: (correspondence to:) [elidionhamona@yahoo.com.br](mailto:elidionhamona@yahoo.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

Eduardo Mondlane é mais conhecido por sua ligação ao processo de formação e consolidação da Frente de Libertação de Moçambique e da luta armada de libertação nacional. Todavia, persistem aspectos desconhecidos acerca do processo de formação do jovem Mondlane, no qual avultam escritos de natureza diversa como poemas, cartas, biografias, artigos, dissertação, tese, palestras e outros materiais produzidos pelo eminente nacionalista. Este artigo pretende suprir

essa lacuna ao interpretar a peça *Mr. Maluleke & Co.* num amplo contexto de confrontos de ideias e interesses sobre a comercialização do álcool e os seus malefícios para os povos nativos de Moçambique e da África Austral.

Neste exercício de interpretação, usamos a crítica dialéctica, método que consiste em juntar no acto de apreciação a forma literária e o processo social, salientando em ambas as contradições e os conflitos engendrados pelas circunstâncias históricas. Usando este método, será

possível salientar os conteúdos sedimentados e as suas relações com o sistema ideológico e social da época. Schwarz (1987, p. 135), demonstra que a crítica dialéctica realça o social manifesto na forma literária, apontando para as dinâmicas sociais e históricas que nela se manifestam. Por isso, essas dinâmicas fazem parte da estrutura das obras literárias geradas pelo processo de produção social. Abdala Junior (2012) defende que as formas culturais perduram, particularmente as sociais e literárias, apesar de serem produzidas em processos históricos saturados de contradições e conflitos. Tais formas são produzidas num contexto hegemónico, sendo manifestações culturais do processo de assimilação. Apesar disso, nessas formas sociais estão as sementes para uma esperança de um futuro risonho e solidário, visto que nenhum domínio é total, existindo brechas susceptíveis de serem usados para a produção do novo. Queremos responder à questão sobre como a organização estrutural e temática da peça aborda uma questão premente do seu tempo, estabelecendo com ela relações dialécticas.

Na sequência, apresentamos uma biografia sumária do autor, seguida de uma análise das estruturas da peça teatral e, por fim, as relações sócio-históricas em que a peça está enredada.

### **Biografia sumária de Eduardo Mondlane**

Eduardo Mondlane nasceu em 20 de Junho de 1920, em Manjacaze, na província de Gaza. Era filho de uma família de camponeses aristocratas, cujo pai, Mussengane Mondlane, era chefe da linhagem dos Khambane, e a mãe, Makungu Muzamusse Bembele, descendente do Xipenangane Mondlane, célebre guerreiro ligado aos reis da região de Bilene, norte de Maputo. A sua educação tradicional foi fornecida pela mãe, porque o pai morrera em 1922, a educação tradicional de Mondlane foi fornecida pela mãe, que lhe ensinou a ter

orgulho de sua origem aristocrática, das origens e dos feitos dos seus antepassados.

O sustento da família vinha da agricultura de subsistência, criação de gado e recollecção, mas igualmente da ida dos seus familiares às minas da África do sul. Em 1932, Mondlane inicia os seus estudos na Escola Primária de Manjacaze, incentivado pela mãe que aguçava a sua curiosidade de conhecer os “segredos do homem branco”. Em 1936, muda-se para a Escola da Missão Suíça, onde terminou a escola rudimentar. Depois vai para Lourenço Marques, em 1937, onde trabalhou no hospital da Missão Suíça e estudou à noite. É nesse período que conhece André-Daniel Clerc, um missionário que foi essencial para a sua maturidade e continuação de estudos.

Terminada a escola primária, frequentou o curso de catequistas em Ricatla, ao norte de Maputo, e entre 1937-1940, foi pregador nos arredores da capital da província, nos bairros da Polana, Malhangalene e Laulane, estimulando e organizando o *mintlawa* (grupos ou equipas), cuja experiência adquirira quando esteve em Manjacaze (Figura 1). Nesse período, a Missão Suíça e os seus membros, assim como outras religiões, viram as suas actividades cerceadas pelo Estado Novo, aliado à Igreja Católica. Entre 1941-1942, esteve em Cambine e Dingane, na missão da Metodista Episcopal, onde aprendeu técnicas agrícolas em terras áridas, inglês e contribuiu na formação e no desenvolvimento das equipas ou patrulhas.

Escreveu poemas em Xichangana no jornal *Nyeleti Ya Miso*, em Janeiro e Outubro de 1944, colaboração que manteve depois de sair de Moçambique para a União Sul Africana. Em 1944, obteve uma bolsa para Lemana Training Institution, no norte do Transvaal, onde estudou inglês e afrikaans, conciliando os estudos com as actividades religiosas. Em 1946, por ser um excelente estudante, foi escolhido para presidir a Associação de Estudantes Cristãos. Em

1948, matriculou-se na Hoffmeyr School of Social Work em Joanesburgo, mudando para frequentar o curso de sociologia na Universidade de Witwatersrand. Nas férias em Moçambique, em finais de 1948, usando as suas habilidades organizativas, cria o Núcleo de Estudantes Secundários de Moçambique (NESAM). Devido à ascensão do partido nacionalista de Daniel Malan e da política do *Apartheid*, o seu visto não foi renovado, tendo sido obrigado a regressar para Moçambique, apesar dos protestos veementes dos seus colegas e professores.



FIGURA 1: Eduardo Mondlane assinalado, no *ntlawa* de Rivoningo em Maússe, 1933 (Mondlane 2007, p. 296).

Em 1950, matricula-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1951, viaja para os Estados Unidos. Entre 1953 e 1956, faz o bacharelato, o mestrado e o doutoramento em Sociologia e Antropologia na Oberlin College e na Northwestern University.<sup>1</sup>

Mondlane era um leitor insaciável, muito interessado em saber sobre o mundo e os seus povos. “Eu tenho uma grande vontade de ler livros” – afirmou numa carta a Clerc de 9 de junho de 1942 – ao ponto de “os meus amigos até me consideram ‘fora de mim’ por ver que não posso ficar quieto se os meus olhos não estiverem em alguma letra”<sup>2</sup>. Era leitor assíduo da Bíblia, sobretudo dos evangelhos e da vasta literatura produzida pelas igrejas protestantes, como o *Swivonisi* e *Murungula I*, além da colaboração nos

jornais vernaculares como *Nyeleti Ya Miso*. Da literatura portuguesa, gostava imenso de *Os Lusíadas* de Camões. Nas cartas enviadas ao seu amigo e tutor Clerc, podemos aceder aos livros que ia lendo, como *A educação na Pré-adolescência* de Artur Whitefield Spalding e Belle Wood-Comstock, *Erasmus de Roterdão* de Stefan Sweig, *Streams in the Desert* de Lassia Cowman, *Aggrey of Africa* de E. Smith, *The Choice Before Us* de Stanley Jones e *The Way of All Fresh* de Samuel Butler. Mondlane (Figura 2) tinha predileção pela música bantu e canções espirituais afro-americanas, que conhecia amplamente e escrevia em partitura.<sup>3</sup>

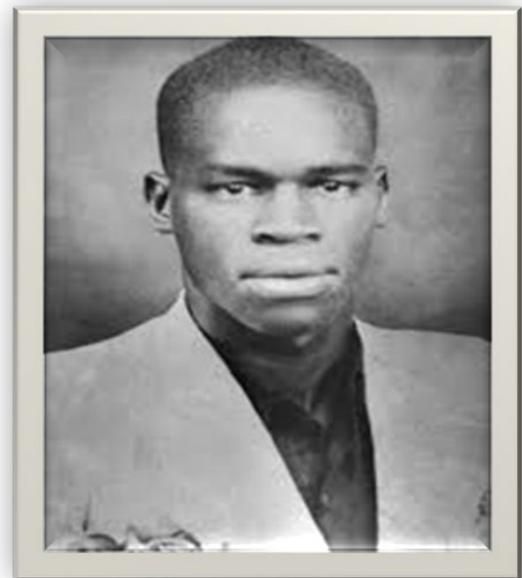


Figura 2. O jovem Eduardo Mondlane, provavelmente em 1947.

Fonte: Eduardo Mondlane. Disponível em <https://www.sahistory.org.za/people/eduardo-mondlane> Acesso em: 07 Março 2011.

### **MR. MALULEKE & CO.**

A peça Mr. Maluleke & Co. foi escrita por Eduardo Mondlane em 1947, quando se encontrava na África do Sul, no Lemana Training Institution no Norte do Transvaal. Na carta de 30 de julho de 1947 para André-Daniel Clerc, Mondlane afirma que naquelas férias escrevera “um pequeno drama (play) de um acto e seis cenas para associação

anti-alcoólica da nossa escola de que sou presidente” (MONDLANE, 2007, p. 116).

Na carta de 2 de setembro de 1947, informa que a peça já está estava a ser ensaiada para apresentação. A peça *Mr. Maluleke & Co.* de Eduardo Mondlane foi apresentada no dia 29 de Outubro de 1947 e os fundos obtidos foram usados na compra de “livros que tratam do efeito do álcool no corpo humano” (MONDLANE, 2007, p. 113, 122, 128).

O protagonista do drama, Mr. Maluleke, é um professor bêbado e a sua família sofre devido aos custos do vício. Em torno deste professor bêbado estão a sua família e os amigos. No grupo de amigos existem os sóbrios e os bêbados. Entre os amigos bêbados estão o Jeremiah Mphe, descrito como “um palhaço grande bêbado”. Mphe é considerado pelo narrador como um mau amigo, tendo influenciado Mr Maluleke para o vício do brandy. Na terceira cena, o diálogo entre Mr. Maluleke e Jeremiah Mphe demonstra que a relação deles é tensa, muitas vezes o primeiro mostrando a sua superioridade intelectual em relação ao segundo e humilhando-o constantemente. Existe entre eles uma solidariedade em torno do vício comum, mas também diferenças de personalidades. Trata-se de uma falsa amizade em que o desprezo mútuo é regra e deslealdade comum, sobretudo de Mphe. Nesse grupo, está o teimoso indiano Dadoo, dono do bar (cervejaria), comerciante de bebidas alcoólicas, mais interessado no lucro que no bem-estar dos seus clientes, incitando-os sempre a comprar bebidas e fingindo ser amigo.

Entre os amigos sóbrios, temos colegas de serviço, da igreja e do clube de leitura. A família Maluleke agoniza com um pai viciado. A peça inicia-se com a descrição da doença da filha do casal, Faith, e com a ausência do pai. Com a chegada da senhora

Risenga, a senhora Maluleke e o filho desdobram-se para tratar da doença da filha. A solução foi arranjar dinheiro e chamar o médico, Dr. Fuller. Ao chegar, o médico detecta que a filha de Maluleke tem malária. Tanto o filho de Maluleke, Geoffrey, como a amiga da sua mãe, Risenga, denunciam a situação desesperante da família Maluleke ao médico, que prometeu que tomaria medidas.

O grupo de amigos agirá para ajudar Mr. Maluleke a abandonar o vício. O médico Fuller fará primeiro uma abordagem nesse sentido a Mr. Maluleke, mas com pouco sucesso. Mr. Maluleke persiste em beber e acaba parando no hospital, para o desespero da sua esposa, Gracy. Na sexta cena, o trio de amigos (Dr. Fuller, reverendo Mashau e Mr. Malepe) age para mudar a situação. O primeiro ajudá-lo-ia em questões clínicas, o segundo nas questões espirituais e o terceiro por meio da sua amizade.

Mr. Malepe vai desempenhar um papel crucial para a reabilitação de Mr. Maluleke. Ambos mantêm uma longa amizade, iniciada quando eram estudantes na faculdade. Embora nesse período Mr. Maluleke bebesse, era de forma controlada. O casal Malepe é modelar do ponto de vista cristão. A esposa e o marido vivem numa harmonia fascinante, na qual cada membro cumpre o seu papel na família de forma exemplar. Depois de uma conversa, ambos decidem ajudar Mr. Maluleke e a sua família.

Um dos aspectos que ressalta na leitura do drama é o nome das personagens: muitos desses nomes apontam para a sua trajetória na história. A filha de Mr. Maluleke chama-se Faith, que, traduzido para o português, significa “fé”, e, no curso da peça, é apresentada como uma personagem que confia em Deus e nos amigos que farão tudo para tirá-los da situação conturbada. A esposa de Mr. Maluleke chama-se Gracy, em português “Graça”, uma mulher que foi premiada pela sua

persistência em manter a família e absolvida dos desvios do marido. A filha de Mr. Malape chama-se apropriadamente Nsakane, isto é, estejam felizes, estado no qual a sua família se encontra, em que o casal e os filhos vivem em paz e harmonia. Um último exemplo seria Jeremiah, remetendo ao profeta judeu íntegro em tempo de decadência moral em Israel, mas, neste caso, sendo o exemplo de um mau carácter e oportunista.

Em termos gerais, temos um conjunto de acções que se estruturam de modo ascendente: nascimento do conflito (Cenas I-III), choque, paroxismo-apogeu, auge (cena IV) e conciliação (Cena VI). O conflito entre as personagens estabelece-se com as constantes bebedeiras de Mr. Maluleke e as ausências de casa. Tal conflito mantém-se nas duas cenas seguintes, agudizando-se, de tal modo que as personagens se revelam nos seus contornos mais vis. Por exemplo, Jeremiah mostra-se astuto e oportunista, e o indiano Dadoo, um explorador sem escrúpulos.<sup>4</sup>

Na cena IV, atinge-se o apogeu do drama. *Mr. Maluleke* bebe demais, é assaltado e abandonado pelos falsos amigos na rua. Mr. Malepe encontra-o e, com ajuda de Dr. Fuller, leva-o ao hospital. Chocado, Mr. Maluleke retrata-se diante dos seus amigos e família. Na última cena, ele jura “solenemente parar de beber todas bebidas com ajuda de Deus”. Gracy Maluleke igualmente agradece aos amigos pelo apoio nas horas mais difíceis. No fim, toma palavra o reverendo Mshau que cita um princípio bíblico contido nas escrituras, na carta aos Gálatas escrita pelo apóstolo Paulo: o dever dos crentes fortes é ajudar os mais fracos.

A estrutura ascendente das acções do drama de *Mr. Maluleke & Co* dialoga com os contos orais, pois temos uma situação inicial de carência (doenças, brigas, internamento), estratégia para sair da

situação (auxílio dos amigos) e resolução da situação (Mr. Maluleke sóbrio e religioso). Essa possibilidade de se aproximar as narrativas orais bantu, sobretudo do sudeste da África Austral, compreende-se porque o autor foi educado na tradição oral changana. Consequentemente, nas narrativas e poemas que escreveu anteriormente, como *Chitlango, filho de Chefe*, a estrutura ascendente está presente. Associado à tradição changana, temos uma perspectiva cristã, partilhada igualmente com o Judaísmo e o Marxismo, em que se assinala igualmente a estrutura ascendente das acções.

Tal partilha, não se resume somente à estrutura ascendente. Sobre a questão, Aguiar e Silva (2011, p. 620) afirma que “o receptor do texto teatral é um *grupo de espectadores*, de indivíduos que se congregam para assistirem juntos”. Igualmente, a existência de um espaço cénico onde se dá o espectáculo, convoca a presença de actores que estabelecem relações espaciais com o seu meio, tendo atitudes, gestos e expressões faciais, dialogando com um timbre particular de fala, sorrindo, associado ao canto individual ou a hino cantado por um coro. Outro aspecto a ser referido é a moral que o drama transmite, o de que a bebida faz mal, ilustrado pela trajetória de *Mr. Maluleke*. Portanto, o texto teatral, em virtude de ser escrito para apresentação ao vivo, recorre a um conjunto de regras parecidas com a apresentação dos textos orais, possibilitando o prolongamento de hábitos e conceitos de uma cultura oral na escrita.<sup>5</sup>

Em termos espaciais, na peça, predomina a casa de *Mr. Maluleke*. Trata-se, nas primeiras cenas, de um espaço de discórdia e infelicidade, com todas as características de um lar infeliz e doente. Estabelece-se um contraste entre a casa desfeita de *Mr. Maluleke* e a casa harmónica de *Mr. Malepe*, um verdadeiro lar. Nesse espaço

doméstico ocorrem as acções mais importantes, como o conflito e a resolução do problema do álcool.

Outro lugar que possui várias designações é a cantina, o bar ou cervejaria, igualmente chamado ironicamente de “A gruta abençoada”. Este espaço é descrito negativamente, apontado como lugar do vício, da exploração e da deslealdade. Tem-se igualmente a rua, onde ocorre a acção que leva à mudança de *Mr. Maluleke*, por ter sido abandonado e assaltado pelos amigos do bar. A rua é também o lugar da polícia, mas igualmente do ladrão. Todos os espaços anteriormente citados situam-se numa cidade não nomeada. A cidade é por excelência o lugar do colonizador e por isso, visto pelas igrejas protestantes como estimulador de valores e vícios seculares nocivos aos nativos.

Em termos temporais, as cenas ocorrem no presente, sendo referidos acontecimentos passados em relação ao presente em constante mudança. Um dos acontecimentos narrados no passado é a ida a Kommatpoort de férias da família Maluleke, onde Faith, filha de Mr. Maluleke, contraiu malária. Este aspecto relaciona-se igualmente com os contos orais bantu, apresentados no presente, mas discorrendo sobre acções passadas.

O drama é quase na totalidade composto de diálogos, por meio, dos quais temos “a acção falada [...], uma maneira de agir sobre o mundo pelo uso da palavra (PAVIS, 2011, p. 611)”. A peça *Mr. Maluleke e Co.* é constituída por um texto principal (diálogos entre as personagens indicadas) e o texto secundário, entre parêntesis (acções, espaço, tempo, descrição.) O texto secundário contém muitas informações que auxiliam na sua apresentação no palco, possibilitando a constituição do cenário.<sup>6</sup>

## PROTESTANTES E ABSTÉMIOS: a questão do álcool no auge do colonialismo

O preto bebeu, bebe e há-de beber. É uma calúnia dizer-se que foram os brancos que incitam nele esse delírio [...]. Foi a natureza que fez o africano borracho [...] a civilização só lhe apurou o paladar (ALTOS FUNCIONÁRIOS COLONIAIS. In: José Capela. *O vinho para o Preto*).

A administração colonial portuguesa é um antro de burocratas em torno de um alambique (JOÃO ALBASINI).

*Mr. Maluleke & Co.* é a expressão literária da polémica em Moçambique e na África Austral sobre o problema do álcool. Sobre o assunto, existiam as opiniões dos diversos estratos de comerciantes, dos governantes, dos assimilados, religiosos, e o não expresso, dos consumidores nativos. Os comerciantes, tanto metropolitanos como cantineiros, e os governantes andavam de mãos dadas e defendiam a comercialização do vinho para o preto e a proibição das bebidas cafreais. O motivo era óbvio: os elevados lucros e impostos que provinham da sua venda.

Entre os assimilados, foi o jornalista João Albasini quem mais abordou a questão do vinho para o preto. Albasini continuamente criticava o vinho colonial, pois afirmava que possuía elevado teor alcoólico e era misturado com todos os tipos de ingredientes para provocar a embriaguez. O jornalista de *O Africano* relatava nas suas crónicas como este veneno era amplamente distribuído nas cantinas no interior e provocava a ruína financeira de muitas famílias. Consequentemente, a sua venda propiciou a propagação de doenças ligadas ao alcoolismo e à prostituição.

Visto que a economia do sul dependia do trabalho migratório para a África do sul, a questão não se restringia à colónia portuguesa. Daí que a peça teatral de Mondlane tenha indicações de que o problema também afectava a África do Sul. Sendo este país o motor económico da região, muitas das questões fundamentais

para a *terra do rand* o eram igualmente para Moçambique. Este ponto de vista era partilhado entre os religiosos da região, em geral, e entre os protestantes, em particular.

A Missão Suíça, fundada em Moçambique por mineiros e organizada por missionários no século XIX, esteve em conflito com o sistema colonial português. Com a instalação do Estado Novo, aliado à igreja católica, as suas actividades e de outras igrejas protestantes diminuíram drasticamente. Foi nesse contexto que as igrejas protestantes criaram grupos (*mintlawwa*), resultantes da combinação de aspectos da cultura bantu, escutismo europeu e valores cristãos. Nos grupos, os jovens aprendiam sobre liderança, respeito às hierarquias e solidariedade. Por meio de discussões, “jogos, dança, teatro, canções e acampamentos”, formaram a juventude com faculdades físicas e mentais necessárias para a sua autodeterminação (CRUZ E SILVA, 2001, p. 78).

A Missão Suíça e outras igrejas protestantes defendiam a abstenção do álcool pelos crentes. Criticavam a civilização decadente e viciada em favor de uma civilização cristã geradora de óptimos cidadãos. Os primeiros actos da peça são exemplo dessa situação decadente e indesejável, enquanto no clímax temos a recuperação para um estado desejável por meio da aplicação de princípios cristãos. A missão suíça, entre outras igrejas protestantes, desenvolveu “uma educação paralela, marginal e reaccionária, em relação aos interesses coloniais luso-católicos” (NGOENHA, 2000, p. 43).<sup>7</sup>

## CONCLUSÕES

*Mr. Maluleke & Co.* de Eduardo Mondlane resulta da combinação de diversos factores literários e históricos que concorrem para sua produção. Existia em Moçambique uma tradição escrita e oral de narrativas de tipo ascendente. Alguns exemplos são os contos orais changana, *Zidji* de Junod (1911), *Landikezani* de Elias Mucambe (1952), *Chitlango, filho de Chefe* de

Chitlango Khambane e André-Daniel Clerc (1946) e *Ta vutomi dya mina* de Calvin Maphophe (1956).

Essa tradição, combinada com outra muito presente, oral, possibilitou a escrita da peça por Mondlane. Este gesto de Mondlane no campo literário assemelha-se ao que ocorreu com a criação do *Mintlawwa* (grupos). Os grupos resultam da mistura de práticas culturais de sociedades díspares (oral e escrita) que resultaram num texto híbrido.

Em termos actanciais, estamos diante de uma narrativa ascendente, com o espaço e o tempo exíguo. A peça tem como objectivo propagar as ideias protestantes sobre o consumo de álcool. Essas ideias foram conformadas nas polémicas que existiram em torno da questão do álcool na sociedade colonial. O resultado foi a peça teatral de um acto com objectivo moralizante: ilustrar os malefícios do álcool e o papel do cristianismo na resolução do problema.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, B. **Relações comparadas e comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012. 327 p.
- AGUIAR E SILVA, V. **Teoria da literatura**. 8 ed. Livraria Almedina: Coimbra, 2011. 817 p.
- CAPELA, J. **O Vinho para o Preto**: notas e textos sobre a exportação do vinho para África. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009. 166 p.
- CRUZ E SILVA, T. **Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique**: o caso da Missão Suíça (1930-1974). Maputo: Promédia, colecção identidades, 2001. 286 p.
- MONDLANE, J. **O eco da tua voz**: cartas editadas de Eduardo Mondlane. V.I. Maputo: Imprensa Universitária, 2007. 312 p.
- NGOENHA, S. **Estatuto e axiologia da educação em Moçambique**: o paradigmático

questionamento da missão suíça. Maputo: Livraria Universitária-UEM, 2000. 224 p.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 483 p.

SCHWARZ, R. Pressupostos, salvo engano, de dialética da malandragem. In: \_\_\_\_\_. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 129-155.

---

## NOTAS

<sup>1</sup>; Mondlane, 2007, p. XXIII, p. 2, 30-39, 182.

<sup>2</sup> Mondlane, 2007, p. 54, 196.

<sup>3</sup> Mondlane, 2007.

<sup>4</sup> Pavis, 2011, p. 29.

<sup>5</sup> Aguiar e Silva, 2011, p.138-139, 614-615, 620.

<sup>6</sup> Aguiar e Silva 2011, p. 610-11.

<sup>7</sup> **O Africano**, 13 maio 1909, ano 1, n. 5, p. 1; Tí-bola. Ku ba missionario ha missão suíça. **O Africano**, 21 jun. 1913, ano 1, n. 121, p. 3; M. A. Shikhombelo sha bana shikolsha missão suíça. **O Africano**, 14 jul. 1913, ano 1, n. 121, p. 3; **O Africano**, 24 jul. 1909, ano 1, n. 4, p. 3; **O Africano**, 11 fev. 1914, ano 4, n. 188, p. 4; Albasini, J. A ndondy wa shiportuguese. **O Africano**, 16 maio 1914, ano 4, n. 215, p. ?; Ngoenha, 2000, p. 22, 39, 49, 107, 119, 129, 174, 179, 180; Capela, 2009, p. 129, 137.